

Francisco Ferro – “Paisagem Sem Ti” na Galeria Municipal de Ourém

29março | 27abril, 2014

(3ª a domingo das 09.00 às 13.00 e das 14.00 às 18.00)

Paisagem sem ti

Nesta exposição titulada *Paisagem sem ti*, Francisco Ferro dá continuidade a uma temática que tem constituído uma polaridade dos seus interesses de criador e tem vindo a estar presente nas suas últimas exposições. Trata-se da representação do tema da *multidão* na sua relação de fusão e difusão na *paisagem*. No entanto, este motivo, que tem sido abordado até agora, noutras mostras, como central, surgia antes numa relação dialéctica expressa, clara e definida com a *paisagem*, sendo imediatamente apreendida como tal pelo espetador. Agora, essa relação é difusa, encoberta, esbatida, em certa medida ocultada, devendo ser descoberta e implicando para tal a mobilidade do espetador, impondo até a necessidade de um movimento espacial que possibilite a revelação e a construção do motivo. Tal como estão compostas, as telas convidam a caminhar ao seu encontro, ao mesmo tempo que se cria por esse facto uma dinâmica na tela ou uma tela dinâmica.

No repetido espaço azul-branco, nele diluído, difuso, em certa medida ocultado, o tópico *multidão*, *colectivo*, *solidariedade*, *alteridade*, que a ideia instintual do agregado, seja animal seja humano, sempre supõe - embora não seja significativamente a sua primeira dimensão semântica - espera que, através de um movimento em direcção à tela se evidencie e se construa aquilo que um quadro sempre pede ao espetador como seu revelador, sintagma aqui utilizado na significação fotográfica do termo - *uma* interpretação, mas não *a* interpretação.

Uma tela sempre encobre e, simultaneamente, manifesta algo, no jogo das suas cores e dos seus motivos constitutivos - e para a sua decifração, qualquer obra de arte exige sempre uma decisão e um movimento do espetador. Estas telas exigem pois a mobilização do espetador - todas as telas o exigem? - uma decisão, uma ação, um movimento, no sentido de transitar do *olhar* inicial, mais ou menos cego, para um *ver* que descobre o significado mais ou menos oculto que toda a obra de arte transporta consigo, conforme a perspectiva hermenêutica de alguns. Ou que o intérprete constrói - conforme a nossa perspectiva. É por tal movimento e decisão que o espetador - criador também ele pelo ato de *ver* e também artista - entra definitivamente na substância simbólica do quadro. Não chega *olhar* estes quadros - para *vê*-los, é preciso viajar.

Alguns verdes, castanhos, ocre, vermelhos esbatidos “aquecem”, aqui e ali, a pintura, quebrando assim o halo melancólico instaurado pela paisagem branca e azul em que as figuras apenas esboçadas, adivinhadas, ora se escondem ora se mostram, conforme o espetador delas se aproxima ou se afasta.

Hoje, diluídos na paisagem histórica - quiçá saudosos do antiquíssimo azul e do branco original que foram as cores no zénite histórico do País - e transformados agora em multidão anónima, amorfa, difusa numa paisagem que é só memória, somos Nós as figuras esboçadas, em certa medida ocultadas e à espera de exposição nestas telas? Hoje, prisioneiros do nosso azul marinho e celeste, sem barcos, reduzidos saudosamente ao grau zero da cor, como alguns consideram o branco, somos Nós as figuras esboçadas e perdidas na paisagem à espera do Artista que dorme em todo o Espetador?

São estas perguntas também o resultado inquietante da simbólica do azul, cor que se afirma apaziguante, indutora da calma, convite à inação? São elas o resultado da presença avassaladora do branco a ocupar uma boa parte da tela - branco que é definido como o resultado da mistura de todas as cores, segundo uns, ou até como ausência de cor, conforme outros? São elas, quiçá, a assunção do significado astroso, lutífero e sombrio que se liga a esta cor noutras culturas?

Mas qualquer que seja a resposta, o que importa é que não chega *olhar* estes quadros - para *vê*-los, é preciso viajar.

António M. Ferro